

A INSCRIÇÃO DA DIFERENÇA EM *FOE*, DE J. M. COETZEE

Sirlei Santos Campos
Universidade Federal de Viçosa
Universidade de São Paulo

O romance *Foe*, de J. M. Coetzee, pode ser analisado à luz da teoria literária pós-colonial no que se refere, principalmente, à questão da inscrição do oprimido, do não-europeu como sujeito de um texto mais amplo, o texto histórico. Esse romance nos revela a fabricação da imagem do outro não-masculino e, principalmente, do outro não-europeu na literatura. Reescrevendo os textos canônicos *Robinson Crusoé* e *Roxana*, Coetzee, em seu romance pós-moderno, questiona e desconstrói a veracidade supostamente presente nos textos do século XVI.

Robinson Crusoé é a voz do europeu, que escreve sua própria história e a do outro, que pretende falar pelo não-europeu e falar, acima de tudo, a verdade. É interessante notar que Daniel Defoe afirmava ser o livro uma alegoria de sua própria vida. O sucesso de seu relato de aventuras se deve ao fato de ele ser feito por aquele que o experienciou, Crusoé. Em *Foe*, Coetzee mostra a fraude do discurso etnocêntrico de Defoe. É relevante destacar que, ao contrário de *Robinson Crusoé*, o relato de Coetzee é a própria narrativa sendo produzida, e a única pessoa que pode fazê-lo é uma mulher, Susan Barton, pois o herói está morto e Sexta-feira, o nativo encontrado na ilha, tem supostamente sua língua arrancada.

O Sexta-feira de Defoe incorpora o estereótipo do escravo perfeito. Ele é apenas o que Robinson Crusoé deseja que ele seja: ‘o mais grato, fiel, honesto e mais afetivo servo que um homem já teve’ (Defoe, 1949: 339). Ele assimilou a cultura de Crusoé e até aprendeu inglês rapidamente para poder se “comunicar” com o europeu. Já em *Foe*, Sexta-feira tem sua língua mutilada – se

metaforicamente ou não, realmente não importa. O que importa é que em *Robinson Crusoé*, também foi negada a Sexta-feira a oportunidade de falar, uma vez que Crusoé fala por ele. Conseqüentemente, pode-se dizer que ele também teve sua língua “cortada” e certamente foi por Crusoé, o colonizador.

Em *Robinson Crusoé*, como em muitos outros romances, o europeu não permitia aos habitantes nativos ter voz própria. O nativo, a ilha e os canibais eram somente construções européias. O chamado “civilizado” não queria conhecer o outro, apenas usava-o para povoar suas fantasias sobre o desconhecido. O habitante nativo representava o que o europeu não queria ver, a diferença, palavra que não existia para os colonizadores, que usavam “inferioridade” em substituição. Nesse contexto não nos surpreende que os nativos sejam tratados apenas como mais um recurso natural a ser explorado. O outro “não chega nem a ser um homem, e, se for homem, é um bárbaro inferior; se não fala a nossa língua, é porque não fala língua nenhuma, não sabe falar, como pensava ainda Colombo” (Todorov, 1988:73). E, apropriando-nos da grande metáfora presente em *Foe*, o outro não possuía língua, como os europeus preferiam acreditar.

A leitura que Coetzee faz do mutismo de Sexta-feira dialoga com a questão de se negar ao outro a fala, de oprimir a voz da diferença. Ao encontrar os nativos pela primeira vez, Cristovão Colombo pensa que eles se fariam bons e habilidosos servos, pois repetiam as palavras dos espanhóis. Então Colombo quis levá-los para o rei, torná-los cristãos e ensiná-los a falar. O Sexta-feira de Defoe é moldado exatamente como os nativos encontrados por Colombo. Segundo o próprio Crusoé, ele aprende inglês rapidamente e conta tudo que este quer e precisa saber sobre a ilha e os outros nativos. Defoe faz Sexta-feira assimilar a cultura e a língua européias tão bem, que, talvez, seus leitores nem questionem o caráter excessivo dessa habilidade. Então, por que os leitores de Coetzee devem duvidar de que Sexta-feira tenha escrito o último capítulo de *Foe*?

Um leitor pós-moderno, como Susan, deve duvidar de tudo. Mas talvez não devêssemos duvidar da alteridade “substancial” de Sexta-feira. Influenciados pela teoria literária pós-colonial, podemos ver a substancialidade de Sexta-feira na escrita do capítulo final do romance. A discussão pós-colonial tem-se baseado na escrita feita pela margem, ou seja, pelos povos que viveram a experiência da colonização e cuja literatura foi sempre considerada “inferior” em relação a um centro. O fato de o Sexta-feira de *Foe* ter sua língua cortada parece ser uma estratégia usada por Coetzee para introduzir a necessidade da escrita de Sexta-feira, que pode ser pensada como uma metáfora para a escrita das margens.

É importante voltar no tempo e discutir a implicação de uma escrita feita pelas margens. A escrita dos africanos, em geral, foi muito importante para o debate sobre a escravidão no século XVIII. Depois de René Descartes, a razão passa a ser vista como a mais importante característica humana e a escrita passa a ser considerada um signo visível de razão. Mas, no tempo de Descartes, negros não tinham permissão para ler nem escrever; tais atos seriam uma violação da lei.

Hegel, ecoando Hume e Kant, afirmou que os africanos não tinham história, porque não haviam desenvolvido sistemas de escrita e nem dominado a arte da escrita na língua européia. ... Sem escrita, nenhum signo recorrente de funcionamentos da razão, do intelecto, poderia existir. Sem memória ou lembrança, nenhuma história poderia existir. Sem história, nenhuma humanidade, como definido consistentemente de Vico a Hegel, poderia existir (Gates, 1986: 11).

É extremamente importante ressaltar a relação entre escrita, memória e história. A escrita para os negros era uma questão de defesa de seus direitos à inclusão e à não-exclusão do que se chamou “humanidade”, uma vez que sua valiosa tradição oral não contava para os europeus. Segundo idéias etnocêntricas, os africanos não tinham habilidade para escrever. Como Henry Gates aponta, a escrita anglo-africana apareceu em resposta às alegações de sua ausência. A escrita deu aos africanos um

“certificado de humanidade”. Ela, que era usada para excluir os não-europeus, hoje em dia é vista como um meio de luta.

Considerando o controle sobre a língua uma das principais características da opressão imperial, Bill Ashcroft et alli, em *The Empire Writes Back*, afirmam que a escrita é uma questão essencial no debate que envolve a África do Sul, e apresentam uma discussão da escrita pós-colonial que é também uma discussão “do processo pelo qual a língua, com seu poder e a escrita, com sua significação de autoridade, têm sido tiradas à força da cultura dominante européia” (1986: 7).

O poder da língua e a escrita, com sua significação de autoridade, parece ser a questão central em *Foe*. Susan Barton passa por um processo de inscrição de sua própria autoridade/autoria. Ela narra todos os capítulos do livro, exceto o último, que é relatado por um narrador anônimo. Pode-se inferir que esse narrador anônimo representa a escrita do outro não-europeu. Esse pode ser o ponto de vista do outro. O romance não somente mostra o ponto de vista do outro feminino, mas também o do outro africano. O relato de Susan é baseado no de Sexta-feira, que é uma história de silenciamento. Ela procura a verdade e almeja que sua narrativa seja fiel aos fatos, mas sabe que somente Sexta-feira tem o conhecimento de quem os vivenciou. Uma vez que Sexta-feira não possui língua, ‘órgão do aparelho fonador’, conforme a história que Crusoé contou, Susan não pode repetir a estratégia usada pelo Crusoé de Defoe para continuar legitimando a história da ilha. Ela está ciente de que: “A verdadeira estória não será ouvida até que pela arte encontremos uma forma de dar voz a Sexta-feira” (p. 108). Como se deseja sugerir, em *Foe* Sexta-feira ganha voz. Ele escreve a si mesmo. Usa a arma do inimigo/*Foe* para escrever sua própria história.

“Dar voz a Sexta-feira” é o “coração da estória”, ou o “eye”¹ de um relato que une a questão da raça e a do gênero em um mesmo espaço. *Foe* apresenta ao leitor muitas reflexões a respeito da falta de entendimento do outro no caso do texto parodiado. Susan Barton, a mulher, o outro feminino, e Sexta-feira, o outro africano, que sempre foram objetos do discurso europeu, agora parecem ser sujeitos de seus próprios discursos. Talvez possamos dizer que há momentos no romance nos quais Susan e Sexta-feira parecem fundir-se em apenas uma voz, a do oprimido. Ambas as personagens se transformam em autores.

Durante todo relato Susan luta para afirmar sua própria autoridade e consegue fazê-lo. Mesmo imersa em dúvidas, coloca que “continuou a acreditar em [sua] própria autoria”, e finalmente se torna o “pai de sua própria estória”. Sendo bem-sucedida em estabelecer sua escrita contra uma inscrição patriarcal, Susan é a pessoa que tem a função de ler o outro africano. Não se pode negar que falar de Sexta-feira é também falar de Susan. O relacionamento deles é extremamente importante para o entendimento do que parece ser um dos mais importantes temas do romance: a diferença racial.

É por meio de Susan que os questionamentos surgem. Como uma leitora atenta de ficção, ela se torna uma escritora. No entanto, parece que ela fracassa na leitura do outro africano, talvez como Crusoé na ilha; ela somente “prepara o terreno” e espera que o outro fale através de sua própria voz. Ela é a leitora de histórias de aventuras, de ficção que intencionava ser verdadeira, mas que atuava como um espelho mágico deturpando a imagem do outro. Por exemplo, quando olha para os lábios de Sexta-feira, Susan não consegue deixar de imaginá-lo comendo carne humana por causa das histórias

¹ A palavra *eye* significa “olho” em português; no entanto, quando pronunciada ela tem o mesmo som de *I*, pronome pessoal do caso reto. Sendo assim, pela pronúncia *eye* pode significar tanto “olho” quanto “eu”.

sobre canibais que havia lido (p.106). Talvez isso mostre que estava tão intoxicada pelo discurso etnocêntrico das leituras feitas que se tornou incapaz de continuar a luta para encontrar a voz do outro, ou talvez esteja tão ocupada lutando por seu próprio direito como sujeito que sua narrativa não permita mais espaço para que a voz africana emergja completamente. Encontra-se, aqui, apoio na crítica de Gayatri Spivak a respeito de *Foe*, segundo a qual “feminismo (dentro da ‘mesma’ inscrição cultural) e anticolonialismo (a favor ou contra os ‘outros’ raciais) não podem ocupar um espaço narrativo contínuo” (1987-88: 168 - tradução minha).

A leitura de Spivak reforça, em muitos aspectos, a sugestão que se quer fazer, mas pode-se discordar quando ela diz que a margem não consegue espaço em *Foe*. Parece verdade que não existe espaço para a voz de Sexta-feira dentro da narrativa de Susan, como Chris Bongie coloca, “Coetzee, no entanto, enquanto claramente invoca este sonho de discurso marginal que se afirma face a um discurso hegemônico opressivo, consistentemente o desconstrói: em seu esforço para ter sua estória contada, [Susan] Barton é repetidas vezes retratada possuindo essencialmente os mesmos projetos ditatoriais e autoritários do escritor Foe a quem ela se opõe e se une ao mesmo tempo” (Bongie, 1993:264).

É possível argumentar, no entanto, que esse romance não apresenta um único espaço narrativo contínuo, pois não é feito somente da narrativa de Susan: existe o ‘eye da estória’ que deve ser levado em consideração. O último capítulo é extremamente importante para mostrar um outro ponto de vista. O fim da seção anterior pode ser lido como um espaço fronteiroço, uma vez que antecipa a emergência do que estava supostamente ausente durante todo o romance, a voz de Sexta-feira. Pode-se argumentar que a voz de Sexta-feira encontra um importante espaço fora da narrativa de Susan, na verdade esse espaço é o último capítulo, que se supõe ser a conclusão da reescrita de Coetzee.

Para identificar a voz de Sexta-feira deve-se primeiro analisar a relação de Susan com ele. Como Bongie aponta, ela parece reproduzir o mesmo poder opressivo que Foe. Talvez não seja exagero afirmar que ela é uma outra *foe* do não-europeu. Susan, fazendo o papel do colonizador, trata Sexta-feira como uma criança e até o compara a um bebê indesejado que uma mãe carrega em seu ventre, mas a quem precisa proteger e até defender a todo custo. A exemplo do Sexta-feira de Defoe, o de Coetzee incorpora alguns dos estereótipos amplamente usados para retratar o colonizado. Ele é visto por meio dos olhos de Susan como obediente, infantil, estúpido, e é até comparado a animais. Susan confessa: “Meu primeiro pensamento foi que Sexta-feira fosse como um cão que atende somente a um dono...” (p.21). Mais tarde ela se questiona: “Se Sexta-feira não é meu para eu poder libertar, de quem será?” (p. 99).

O discurso de Susan Barton e suas ações parecem reforçar seu papel de colonizadora “justa” cuja piedade a leva a proteger o colonizado, segundo ela, fraco e inferior. Ela quer que Sexta-feira assimile sua cultura, que fale; no entanto, parece não lhe permitir fazê-lo. Ela não se esforça para estabelecer uma comunicação com ele, na verdade, nem mesmo tenta ler a música e a dança de Sexta-feira como diferença, como signos importantes que não podem ser analisados por meio de padrões etnocêntricos. Talvez fosse conveniente para ela não tentar ler a diferença de Sexta-feira, uma vez que seu objetivo principal seria sua própria inscrição. Deve-se lembrar que é idéia de Foe de que Susan ensine Sexta-feira a escrever e que ela somente concorda porque acha que é “inútil discutir com ele como tinha sido com Crusoé, [ela] segurou a língua” (p. 114).

Em uma primeira análise, o capítulo final parecia ser uma perfeita conclusão para *Foe*, mas, após uma leitura mais profunda e ao se chegar ao *eye* do relato, parece que, em vez de ser uma conclusão, esse capítulo é o clímax do romance, que deixa para o leitor a tarefa de chegar a suas

próprias conclusões. Talvez seja por isso que alguns críticos que escreveram sobre o romance não tenham ido tão longe em afirmar que Sexta-feira é o narrador não especificado do último capítulo, embora pareça que a questão central do romance seja a forma de se “encontrar” a voz de Sexta-feira.

Reforçar a idéia de uma escrita feita por Sexta-feira não parece ser absurdo quando se observam suas tentativas em estabelecer comunicação com o europeu. Sua própria língua não é entendida, ou melhor, não é considerada língua, uma vez que representa uma diferença cultural. *Foe* nos remete ao próprio desenvolvimento da escrita: de símbolos a sinais e depois à escrita alfabética. Talvez não pareça muito realista defender a idéia de que Sexta-feira adquira a linguagem escrita, mas também não se pode dizer que a aquisição da língua inglesa pelo Sexta-feira de Daniel Defoe seja realista. Ao propor que Sexta-feira seja o narrador do capítulo final, pretendeu-se refletir sobre a ideologia presente em *Foe*, tentando estabelecer não uma leitura essencialista do romance, mas uma que possivelmente não se deva descartar.

O Sexta-feira de Coetzee não amaldiçoa o colonizador por meio da fala; ele tem uma outra ferramenta, uma que tem mostrado ser extremamente importante, uma vez que faz, segundo Hegel, história. Parece inegável que *Foe* tenta desconstruir os estereótipos e as idéias forjadas pelos europeus, mostrando que como a ficção molda, ela também pode ser útil para desconstruir, em outras palavras, pode servir para contar o silêncio das histórias contadas pelos europeus. Então, pode se questionar por que seria tão difícil aceitar a possibilidade de que Sexta-feira tenha escrito o capítulo final. Parafraseando as palavras de Susan: o que aceitamos na história, também podemos aceitar na ficção, ou vice-versa.

Bibliography:

ASHCROFT, Bill. et al. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1989.

BONGIE, Chris. "Lost in the maze of doubting": J. M. Coetzee's *Foe* and the politics of (un)likeness.

Modern Fiction Studies. West Lafayette, v.39, n.3. p. 261-281, Summer, 1993.

COLOMBO, Cristovão. *Diários da descoberta da América*. 3.ed. Trad. Milton Persson. Porto Alegre:

L & PM, 1984, p. 34 -47.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. London: The Temple Press Letchworth, 1949.

GATES, Henry Louis Jr. (org.) "*Race*", *writing and difference*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PENNER, Dick. J. M. Coetzee's *Foe*: The muse, the absurd, and the colonial dilemma. *World Literature Written in English*. v.27, n.2, p.207-215, Autumn, 1987.

ROBERTS, Sheila. "Post-colonialism, or the House of Friday" - J. M. Coetzee's *Foe*. *World Literature Written in English*. v. 31, n.1, p. 87-92, Spring, 1991.

SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. Vintage: London, 1994.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Theory in the margin - Coetzee's *Foe* reading Defoe's *Crusoe/Roxana*. In: ARAC, Jonathan and JOHNSON, Barbara. (eds.) *Consequences of Theory: Selected papers from the English Institute, 1987-1988*. London: The Johns Hopkins University Press, 1988. p 155 - 180. (New Series,14)

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. Trans. Beatriz Perone. São

Paulo: Martins Fontes, 1988.

WILLIAMS, Paul. “*Foe*”: the story of silence. *English Studies in Africa; a Journal of the Humanities*.

South Africa. v. 31, n. 1, p. 33-39, 1988.